

Quem sera' o futuro dirigente da Alhemana?

A Noite (Rio de Janeiro, BRA)

04.12.1943, Seite 7

Original:

Signatur: R-A 2.1.014/019

Quem sera' o futuro dirigente da Alemanha?

Nova York, novembro – Na minha caçada jornalística às celebridades literárias exiladas o nome de Erich maria Remarque figurava desde o dia em que cheguei aos Estados Unidos. Ó autor de »Nada de novo na frente ocidental« não é apenas uma das majores expressões literárias contemporâneas. E' também uma das figuras mais discutidas do mundo intelectual dos nossos dias. A campanha demolidora do nazismo contra Erich Maria Remarque pintava um verdadeiro carbonário e venho encontrar aqui um apaixonado da pintura francesa do século XIX e da música clássica, um leão da vida noturna nova-yorkina, citado nas crônicas mundanas, frequentemente, como o »scort« de atrizes famosas nos »night-clubs« elegantes. Não digo um frívolo, mas um aristocrata, vivendo a vida de um milionário displicente durante os seus lazeres de escritor. Trabalhando lentamente, Remarque aò escreveu até hoje quatro romances, a começar pelo famoso »Na de novo na frente ocidental«, mas esses romances foram publicados em quase todas as línguas vivas. Na Alemanha, não lhe faltou a consagração máxima, a coroa de glória com que o nazismo homenageou o talento e o espírito livre de tantos escritores: a cremação, em praça pública, dos seus livros, sob a presidência do ministro da Propaganda, Herr Joseph Goebbels, o diabo coxo do Nacional-Socialismo. Remarque pregara no seu livro uma Alemanha pacífica, uma Alemanha voltada para a cultura e não para as armas, para a ciência e não para o militarismo e a agressão. O escândalo provocado pelo seu livro foi igual ao que desertara, antes da Grande Guerra, o livro da baronesa Berth Von Suttner, »Abaixo as armas!«, que lhe valeu o Prémio Nobel, não de Literatura, mas da Paz. Remarque foi considerado traidor à Alemanha, porque quis humanizar a sua pátria. Os cultivadores do espírito guerreiro germânico, os discípulos de Clausewitz e de Bismarck, de Nietzsche e Luddendorf, impuseram o banimento do livro e do autor. Hoje, depois de ter vivido na Suíça e na França, Erich Maria Remarque está a caminho de se tornar cidadão dos Estados Unidos, onde se acha radicado desde 1939. Nos seus quaranta e seis anos de vida, o famoso romancista mudou várias vezes de profissão e de ambiente. Nascido em Osnabruck e educado num seminário católico e na Universidade de Munster, Remarque foi soldado, professor, corredor profissional em pistas automobilísticas, cronista esportivo, crítico teatral e, finalmente, romancista. Conserva ainda hoje a fé católica, porque »e muito mais divicil não crer em Deus do que admitir a sua existência«, declara ele. Não foi apenas para falar da sua carreira e das suas convicções que o procurei, no seu apartamento de Nova York, no Hotel Ambassador, poucos dias depois de haver ele regressado de uma temporada na Califórnia. Queria também sondar sua opinião sobre o destino futuro da Alemanha – assunto que está sendo vivamente debatido no meio norteamericano, agora que a vitória aliada parece cada vez mais próxima. Dorothy Thompson toma uma atitude sentimentalista, no »New York Post«, dizendo que »é preciso salvar a Alemanha de um castigo severo e do desmembramento«, após a

vitória, procurando distinguir entre a povo alemão e o nazismo. Outros, como Elsa Maxwell, por exemplo, são de opinião que tal distinção é impossível de ser estabelecida e que a Alemanha continuará a ser um perigo, porque, tendo devastado as nações vizinhas, aniquilando principalmente a população masculina, será nos próximos vinte anos o país europeu de mais vasta população, numa proporção duas vezes ou três vezes major do que atualmente, em relação à França, à Polônia e seus demais vizinhos.

Num livro intitulado »Meet Mr. Blank«, a condessa Waldeck acaba de fazer uma série de especulações em torno do futuro dirigente da Alemanha, examinando um por um os nomes que atualmente se apresentam como possibilidades. O êxito desse livro, sobre a incógnita alemã, ou melhor, sobre o Sr. X. que será seu futuro presidente, tem despertado uma infinidade de críticas e comentários. Na opinião da autora, só um homem público alemão apresenta possibilidades mais ou menos seguras: o antigo chanceler germânico, Dr. Heinrich Bruening, professor de Administração Pública, presentemente, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. O Dr. Bruening é um católico e foi veterano da Grande Guerra. Sua gestão como chanceler da Alemanha se prologou de 1930 a anos como deputado ao Reichstag. Pedi a opinião de Erich Maria Remarque sobre o assunto e o autor de »Nada de novo na frente ocidental« me respondeu com um apólogo:

– Gosta muito dos apólogos, porque, em geral, exprimem melhor o nosso pensamento do que as respostas diretas. Vou lhe contar o apólogo dos cães de guarda. Um homem tinha uma bela casa de campo, cheia de obras de arte e de mobiliário antigo, que grandemente estimava. Temendo que os ladrões lhe assaltassem a casa, esse homem compra uma verdadeira matilha de cães de guarda, para que lhe vigiem esses tesouros. Um dia, porem, ele se ausenta por algumas horas e ao regressar encontra a casa despojada de todas as suas riquezas pelos ladrões, enquanto que os cães de guarda dormem indiferentemente na soleira... Acredita que o dono deva povoar novamente a casa de tesouros artísticos e deixar os mesmos cães sem agressividade montando guarda?

– Acha então que o Dr. Bruening é responsável pela falência democrática na Alemanha?

– O Dr. Bruening, – responde Remarque – é um homem de grande merecimento intelectual, honesto e sinceramente antinazista. Mas, como estadista, fracassou redondamente. Sua atitude em face da ameaça nazista foi um atitude negativa. Ele era o homem que queria preservar a ordem e evitar violências. Acontece, porem, que ele estava sozinho. O partido com o qual lidava era intolerante, agressivo, arrogante, cruel e brutal. A complacência só podia ter um resultado: encorajar a arrogância nazista e apresiar a queda do regime democrático. Foi o que se deu. Quando publiquei meu primeiro romance, »Nada de novo na frente ocidental«, os nazistas fizeram uma tremenda pressão contra o livro e o próprio Dr. Bruening fez retirar das livrarias uma das edições, não porque desejasse proibi-lo, mas sob o pretexto de »evitar distúrbios e alterações da ordem pública«. Tais transigências eram um sinal de medo. E os nazistas fingem sempre uma grande coragem quando veem que alguém está com medo... A atitude dos democratas alemães se repetiu, mais tarde, na esfera internacional, quando o nazismo começou as suas agressões. Na minha opinião, a guerra atual está atrasada de alguns anos. Afortunadamente, as nações aliadas, que começaram tão atrasadas, estão ganhando a guerra e não pode haver mais dúvidas a esse respeito. Não condeno aqueles que, há dois anos atrás, achavam que a Alemanha seria vitoriosa.

A lógica dos fatos conduzia mais a essa conclusão do que ao contrário disso. Felizmente, porém, os desígnios da providência divina determinaram o oposto. Hitler esteve várias vezes às portas da vitória. Mas sempre hesitou e cometeu erros que hoje nos parecem quase ina-

creditáveis. É que ele nunca esteve seguro de si mesmo e quiz consolidar primeiro, firmemente, as suas conquistas iniciais, para depois tentar novos golpes. Se após a queda da França, em vez de firmar um armistício desnecessário, o Exército alemão tivesse progredido até à extremidade sul da península ibérica, todo o Norte da Africa estaria nas mãos da Alemanha, porque, naquela hora, não haveria oposição possível. O Mediterrâneo estaria cortado, os ingleses sem Gibraltar e os espanhóis sem Tanger, o canal de Suez inutilizado... Quem violou a neutralidade da Holanda, da Bélgica e da Dinamarca, como de tantos outros países, poderia violar também de Portugal e da Espanha. Que foi que deteve Hitler? A mão da providência. Por uma singularidade do destino, Hitler é dotado de uma alma de mau ator, de ator canastrão. Ele perdeu tudo, em troca de um show ridículo, previamente planejado: o de armistício, em Compiègne, para humilhação dos aliados, no mesmo vagão em que havia sido firmado o armistício de 1918 após a derrota alemã... Depois disso, teria ele de ir aos Inválidos, para visitar o túmulo de Napoleão, como que para dizer-lhe: »Eisme aqui, Napoleão, maior do que tú, porque vencedor do teu povo«. A preocupação teatral de Hitler, o seu panache dramático, a sua ignorância, superstição e incerteza, teem valido imenso às nações aliadas.

A presente guerra devia ter começado no dia em que Adolf Hitler ordenou a ocupação militar do Sarre, desrespeitando o tratado de Versalhes acintosa e ostensivamente. Se tivesse começado nessa data, teria terminado alguns meses depois, com o extermínio completo do nazismo, encontrando dentro da Alemanha ainda organizações políticas em oposição ao nazismo, capazes de serem facilmente rearticuladas, para assumir o espólio germânico. Mas a França mostrou que estava com medo. A Inglaterra cruzou os braços. E o nazismo criou ânimo para novas proezas e novas audácias, com essa coragem fictícia criada pelo medo dos adversários. Depois veio a violação da Áustria, vendida ao nazismo pela quinta-coluna. E a mesma impassividade aconteceu. Depois, a guerra da Espanha, que não foi uma luta civil interna, mas um choque de exércitos internacionais. Depois, Munich, a Polónia, e por fim, com um atraso de tantos anos, a guerra, afinal... Isso me faz lembrar o apólogo dos leões marinhos, que me foi contado há muitos anos, quando eu era ainda criança. Um caçador chegou a uma praia, inteiramente coberta por manadas de leões marinhos. O caçador entrou no meio deles e escolheu o maior e mais luzidio, abatendo-o com um tiro na cabeça. Os outros continuaram a tomar sol. Cada um pensava, de si para si: »Ora, não foi em mim que ele atirou, e isso não é razão para que eu saia deste solzinho tão gostoso«. O caçador atirou em outro. Os restantes continuaram ao sol, apegados ao mesmo raciocínio. Depois outro, e outro, e outro ainda. Quando as formidáveis bestas marinhas poderiam, juntas, ter facilmente esmagado o caçador com o peso dos seus corpos, mal havia ele dado o primeiro tiro...

– A moral do apólogo é excelente...

– Agora, – acrescenta Erich Maria Remarque, – fala-se de uma nova organização internacional, para preservar a paz e a segurança do mundo. Mas essa organização internacional, – que é, em princípio uma bela idéia, – só será efetiva e operante se as nações que a constituírem se convencerem de que devem agir em perfeita união diante do perigo comum. Do contrário, em vez de uma verdadeira e eficiente Liga das Nações, teremos uma repetição da última, uma repetição das falências de Genebra. Em vez de uma Liga de Nações, o que existirá será uma sociedade de leões marinhos...

O livro da condessa Waldeck é de novo por mim lembrado. Erich Maria Remarque, confessando que não o leu, nem pretende lê-lo, é de opinião que nenhum dos homens da Alemanha antiga, quer o Dr. Bruening, que sempre foi um democrata, quer Hermann Rauschn-

ing, que participou da aventura Nacional-socialista, mas logo abjurou o nazismo, quer outro qualquer, terá a menor »chance« de se impôr como dirigente do povo alemão após a guerra. Remarque é de opinião que a Alemanha atual não pode ser discutida ou compreendida por aqueles que há longo tempo se ausentaram. Após a guerra, diz ele, ouviremos falar em dezenas de nomes e de personalidades com que nem sonhamos, homens que permaneceram dentro da Alemanha em oposição a Hitler e ao nazismo, que afrontaram sacrifícios e perigos, homens que se impuzeram como »leaders« das invisíveis organizações subterrâneas que fazem o desespero da Gestapo. Talvez alguns desses »leaders« saiam dos grupos católicos da Alemanha, por serem melhor organizados. Talvez de outras camadas. Talvez até das forças armadas, dos desencantados da guerra, que serão inúmeros, tal como em 1918...

Erich Maria Remarque diz que os Estados Unidos serão, de agora por diante, a sua residência definitiva. São a sua nova pátria, a terra que o acolheu quando sua própria pátria lhe recusava asilo. Depois da guerra, pretende dividir o seu tempo entre os Estados Unidos, a França e a Suíça, onde possui uma casa de campo, à margem de um dos grandes lagos helvéticos. Paris e a Suíça serão os seus itinerários de »weekend«. Porque, acrescenta Remarque, uma vez cessada a guerra, todas as nações do mundo serão vizinhas e se irá a Paris ou Roma talvez mais facilmente do que se vai hoje a Chicago ou a Washington, num pulo noturno, nos imensos »clippers« da Panamerican Airways ou de outras das centenas de companhias de navegação aérea que inevitavelmente surgirão. Por falar em Paris, fique registado que o novo livro de Remarque, ainda pagão, refletirá a vida na capital francesa antes da guerra. O título virá depois, uma vez terminado o romance.

– Sempre fiz assim – diz Remarque. Nunca escrevi livros para justificar títulos. Ao contrário, procuro títulos para os livros...